

Sociologia e antirracismo: a experiência do PIBID no desenvolvimento de práticas pedagógicas de combate ao racismo e valorização da diferença étnico-racial

Sociology and antiracism: the PIBID experience in developing educational practices against racism and valuation of the ethnic-racial difference

André Luiz Faisting¹

Márcio Mucedula Aguiar²

Resumo

O artigo apresenta a importância do referencial teórico dos estudos culturais e pós-coloniais como ferramenta para desnaturalização de estereótipos étnicos e raciais. Partindo de experiências realizadas no PIBID de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados, uma região marcada pela forte presença indígena e pela negação das diferenças étnico-raciais, o projeto procura demonstrar a viabilidade da formação de professores de Sociologia que articula pesquisa e ensino como atividades indissociáveis, bem como o uso de mídias digitais como instrumento para construção de uma sociologia crítica atraente aos estudantes do ensino médio. Considerando que nas regiões de fronteira os conflitos traduzem de forma mais intensa uma concepção da alteridade marcada pelo viés eurocêntrico e colonial, conclui-se que a percepção crítica deste viés é primordial para construção de uma educação que promova o reconhecimento à diferença e uma sintonia entre a disciplina de Sociologia e as diretrizes de implementação das leis que dispõem sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Estereótipos Étnico-raciais. PIBID.

Abstract

The article presents the importance of the theoretical reference of cultural and postcolonial studies as a tool for denaturalization of racial and ethnic stereotypes. Starting from experiments conducted in the Social Sciences' PIBID of Federal University of Grande Dourados, a region marked by strong

¹ Doutor em Ciências Sociais pela UFSCar, é professor dos cursos de Ciências Sociais e do Mestrado em Sociologia da UFGD. *E-mail:* faisting@uol.com.br

² Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos, atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Grande Dourados. *E-mail:* MarcioAguiar@ufgd.edu.br

indigenous presence and denial of ethnic-racial differences, the project seeks to demonstrate the viability of qualifying sociology teachers who articulate research and teaching as inseparable activities, as well as the use of digital media as an tool for building an attractive and critical sociology for high school students. Considering that in frontier regions conflicts more strongly reflect a conception of alterity marked by the Eurocentric and colonial bias, it is concluded that the critical perception of this bias is primordial for the construction of an education that promotes the recognition of difference and a syntony between discipline of Sociology and the guidelines for the implementation of laws about the obligatoriness of teaching Afro-Brazilian, African and indigenous history and culture.

Key-words: *Cultural Studies. Ethnic-racial stereotypes. PIBID.*

INTRODUÇÃO

A melhoria do ensino em todos os níveis está diretamente relacionada ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que favoreçam um ambiente de aprendizagem com respeito aos direitos humanos e à diversidade. Nesse sentido, é imprescindível reconhecer atualmente a importância dos meios de comunicação de massa e das novas tecnologias digitais, uma vez que se fazem presentes no cotidiano das novas gerações, especialmente daqueles que estão cursando o ensino médio.

Foi a partir dessa constatação que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID³ do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, elaborou uma estratégia pedagógica que possibilitasse uma discussão crítica do papel dos meios de comunicação de massa e das novas tecnologias digitais na reprodução do racismo existente na sociedade brasileira, fundamentado no pressuposto de que a construção de uma abordagem crítica na Sociologia pode contribuir para

³ O *Programa Institucional de Iniciação à Docência* (PIBID) é um programa da Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica da Capes, direcionado ao aperfeiçoamento e valorização da formação de professores da educação básica. Por meio da concessão de bolsas a alunos de cursos de Licenciatura, é coordenado pelas Instituições de Educação Superior em parceria com escolas da rede pública de ensino. A intenção é promover a inserção desses universitários no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica, para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola. Para saber mais sobre o PIBID, ver o relatório produzido pela Fundação Carlos Chagas: “*Um estudo avaliativo do programa institucional de bolsa de iniciação à docência*” (2014).

a formação integral de alunos do ensino médio, de acordo com as legislações sobre o ensino de Sociologia. Além disso, acredita-se que tal abordagem é fundamental para a efetiva implantação das leis 10.639/03 e 11.645/08, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da História da Cultura Afro-brasileira, da África e da História Indígena.⁴

Diante desses desafios, este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais no desenvolvimento de novas práticas pedagógicas, visando uma educação antirracista que contribua para a valorização e reconhecimento da diferença étnico-racial. Pretende, ainda, apresentar a experiência do PIBID de Ciências Sociais da UFGD, a forma como estão estruturadas suas práticas pedagógicas em sintonia com o referencial teórico mencionado.

1. A importância dos estudos culturais e pós-coloniais para novas práticas pedagógicas

As estratégias pensadas para a formação e para as intervenções pedagógicas do PIBID de Ciências Sociais da UFGD, cujo foco principal é a educação em direitos humanos e a educação para a diversidade, teve como referencial teórico principal os *estudos culturais e pós-coloniais*. Para Costa (2005, p. 117), os *estudos culturais* ou *pós-coloniais* constituem uma matriz teórica recente que teve início na década de 80 do século passado. Tendo se constituído a partir da crítica literária, tem como uma de suas principais características a desnaturalização dos essencialismos, principalmente os associados à raça, ao gênero e à etnia.

Tal matriz teórica é de fundamental importância para pensar a sociedade brasileira, na medida em que a formação dessa sociedade também

⁴ A Lei 10.639/2003 alterou a Lei 9.394, das Diretrizes e Bases da Educação Nacional para inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”. Posteriormente essa lei foi modificada pela Lei 11.645/08 estabelecendo a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. Essa lei é de fundamental importância para o conhecimento da contribuição dos povos negros e indígenas na formação da sociedade brasileira e para desconstrução dos preconceitos e estereótipos associados aos povos negros e indígenas.

se deu através do colonialismo europeu. Esse processo de formação, marcado pela violência, intolerância e preconceito não se constituiu apenas por meio da dominação econômica, mas também pela imposição de um projeto cultural de nação que negava a igualdade entre os povos e hierarquizava-os segundo critérios culturais e étnico-raciais. A legitimação do domínio europeu se impunha através de uma concepção de humanidade que colocava a Europa como centro da civilização, do progresso e da razão, e os povos não europeus associados à ausência de racionalidade, ao atraso e à inferioridade.

Ressalta-se que esse referencial teórico baseado nos *estudos culturais e pós-coloniais* é importante não apenas por permitir uma melhor compreensão de como se deu o processo de colonização e de formação da sociedade brasileira, mas também, e sobretudo, para compreender as razões pelas quais tal processo ainda hoje se reflete nas mentalidades, no imaginário e nas representações sociais sobre os segmentos histórica e socialmente excluídos, marginalizados e mais suscetíveis à violação de direitos no Brasil, como indígenas, negros, mulheres e integrantes do segmento LGBT. Essa constatação foi fundamental para orientar as intervenções pedagógicas do PIBID - Ciências Sociais da UFGD, no sentido de compreender como os estereótipos étnicos, raciais e de gênero são reproduzidos na mídia televisiva e digital, e como a educação se constituiu no principal instrumento para desnaturalizar esses estereótipos, bem como para valorização da diferença étnico-racial e de gênero.

Em “Pele Negra, Máscaras Brancas” (1952), Franz Fanon oferece uma obra precursora dos estudos culturais ou pós-coloniais, demonstrando como a racialização dos povos africanos implicou numa concepção de negro associado à irracionalidade e à força biológica.

O preto é fixado no genital, ou pelo menos aí foi fixado. Dois domínios: o intelectual e o sexual. O pensador de Rodin em ereção, eis uma imagem que chocaria. Não se pode, decentemente, ‘banciar o durão’ toda hora. O preto representa o perigo biológico. O judeu o perigo intelectual. Ter fobia do preto é ter medo do biológico. Pois o preto não passa do biológico. É um animal [...]. (FANON, 2008, p. 143).

Ao analisar a situação do negro antilhano, Fanon demonstra as consequências do colonialismo na formação tanto da personalidade do negro como do branco. Como psicanalista, adota a noção de inconsciente coletivo para explicar os processos sociais que geram tanto a inferiorização dos negros quanto a supervalorização dos brancos de origem europeia. Mas, ao contrário de Jung para quem a civilização europeia tem a presença de um arquétipo que associa os negros aos maus instintos, ao selvagem e ao não civilizado, para Fanon esse “inconsciente coletivo” não era transmitido geneticamente, e refletia o conjunto de preconceitos, mitos e atitudes de certos grupos (FANON, 2008, p. 159). Para o autor, este inconsciente coletivo está presente nas Antilhas, antiga colônia francesa, mas pode-se inferir que esses preconceitos e estereótipos associados aos povos negros ainda se fazem presentes em sociedades que se formaram a partir do processo do colonialismo europeu como a sociedade brasileira. Ou seja, basta observar a passagem abaixo para reconhecer que as representações associadas aos negros ainda estão marcadas por essa influência:

Na Europa, o preto seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. Enquanto não compreendermos esta proposição, estaremos condenados a falar em vão do ‘problema do negro’. O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém; e do outro lado: o claro olhar da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. Uma magnífica criança loura, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e, principalmente, quanta esperança! Nada de comparável com uma magnífica criança negra, algo absolutamente insólito. Não vou voltar às histórias dos anjos negros. Na Europa, isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o preto simboliza o pecado. O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro. (FANON, 2008, p. 160).

Um exemplo atual dessa concepção pode ser verificado na associação que se faz entre negritude e sexualidade. Ou seja, os negros estão associados à força biológica e sexual, enquanto os povos brancos são vistos como racionais e civilizados. Concebe-se, assim, a razão como atributo “natural” dos brancos, enquanto negros e indígenas estão associados à força biológica e ao comportamento irracional. Importante ressaltar que essa visão constitui uma das faces do racismo que se expressa nos estereótipos e preconceitos contra

negros e indígenas no Brasil desde sua origem, seja pela colonização e escravização forçada e violenta, seja por meio da catequização e da educação formal e hegemônica implementadas.

Tais representações podem ser identificadas, por exemplo, nos livros didáticos e nos diversos programas televisivos ao retratarem esses dois segmentos. E com o advento da internet pode se verificar esses estereótipos também por meio das manifestações nas mídias digitais e redes sociais. Com efeito, essas representações são importantes para aprofundar no conhecimento sobre como ainda são construídos os personagens negros e brancos nas telenovelas, nos programas humorísticos e nos desenhos animados, bem como sobre os insultos que cada vez mais ganham força nas redes sociais como o *facebook*.

No que se refere às telenovelas, é comum a existência de personagens negros contrapostos aos personagens brancos, sendo os primeiros geralmente retratados como pobres, irracionais e identificados com comportamentos marcados pela agressividade e pelo impulso biológico e sexual. Nota-se que sempre existem personagens brancos que se relacionam ou se envolvem afetivamente com os personagens negros, mas esse envolvimento afetivo sempre tem na figura do personagem branco aquele que conduz, observa e “abre os olhos” dos personagens negros diante de sua “incapacidade” de lidar com situações que exigiriam “frieza” e “racionalidade”.

Na telenovela “Lado a Lado”, por exemplo, exibida pela Rede Globo entre setembro de 2012 e março de 2013, os brancos são retratados como mais racionais, solidários e isentos de preconceito. Essas e outras telenovelas fazem alusão à representação do Brasil enquanto democracia racial. A interpretação de Gilberto Freyre é um marco nos estudos sobre a formação do Brasil, pois o autor foi um dos primeiros a destacar o papel do negro na constituição de uma cultura nacional. Mostrou também a violência das relações entre brancos e negros decorrentes do regime patriarcal escravocrata. O aspecto mais polêmico de sua obra, contudo, é a visão sobre o papel da miscigenação na formação da sociedade brasileira. Para Freyre, a miscigenação promoveria mobilidade social entre os filhos dos senhores e das escravas e, com isso,

diminuiria a distância entre os antagonismos sociais gerados pelo sistema escravocrata, abrindo caminho para uma sociedade onde a “raça” ou “cor” do indivíduo seriam menos importantes que sua origem social. Tendo em vista sempre a comparação com as relações raciais norte-americanas, marcadas pelo segregacionismo, Freyre acreditava que o Brasil teria construído relações mais igualitárias entre brancos e negros.⁵

Fernandes (2007) foi um dos principais críticos dessa representação do Brasil enquanto democracia racial, cunhando a expressão “mito da democracia racial”. Apesar da ausência de conflitos abertos e violentos entre negros e brancos, e a intensa miscigenação racial, as desigualdades entre brancos e negros permaneceram após a abolição.

Tais análises também estão fundamentadas na perspectiva de Bhabha (1998, p. 74), para quem o sujeito colonial é sempre “sobredeterminado de fora”, e as representações associadas aos povos negros e indígenas encarnam esse processo. As imagens e fantasias invocam uma condição colonial não superada, que permanece presente na produção cultural dos meios de comunicação e nas mídias digitais. Torna-se importante, assim, a compreensão das imagens que produzem identificação com a herança colonial, ou seja, o uso ambivalente da diferença que ao mesmo tempo transforma negros em objeto de desejo e exotismo. Em outras palavras, preconceito e estereótipo traduzem essa ambivalência da diferença (BHABHA, 1998, p. 105). Desnaturalizar essas representações, portanto, é uma ferramenta importante para construção de uma sociologia crítica no ensino médio que atue, também, como possibilidade efetiva de combate ao racismo e de valorização da diferença étnico-racial.

Nesse sentido, Said (2007) também se constituiu num autor cuja obra representa um marco para se pensar os processos de dominação ocidentais.

⁵ Para Guimarães (2002, p. 138), Freyre utilizava a noção de democracia étnica, sendo o termo democracia racial uma expressão cunhada por Roger Bastiste a partir de sua interpretação das ideias de Freyre. O termo “democracia étnica” para Freyre, portanto, exprime a visão de que uma cultura mestiça como a brasileira rejeitaria qualquer projeto de pureza racial, como o que ocorreu na Alemanha Nazista. (GUIMARÃES, 2002, p. 152).

Em seu livro “Orientalismo” o autor demonstra como a noção de *Oriente* se constrói a partir de uma oposição ao *Ocidente*, ou seja, o oriente nada mais é do que uma construção ocidental. Mais do que um lugar geográfico o oriente é, nessa perspectiva, um modo de representar, um discurso que justifica a dominação europeia, que forma a identidade ocidental pela negação do outro, transformando-o em exótico, atrasado e com destino pré-determinado à inferioridade. Nessa perspectiva, o “orientalismo” traduz uma concepção arrogante da cultura ocidental diante dos povos ou tradições que seguem padrões culturais e formas de organização diferentes das criadas no ocidente.

Importa ressaltar, para os propósitos dessa breve reflexão, que essa perspectiva também se reproduz internamente nos países que tiveram origem no colonialismo europeu, como no Brasil e em outros países da América Latina. A realidade do Estado de Mato Grosso do Sul, e especialmente da região da Grande Dourados, também poderiam ser analisadas a partir dessa ótica proposta por Said, senão vejamos: a formação da identidade sul-matogrossense foi fortemente marcada pela figura do *colono*, indivíduo que encarnou em certo sentido os ideais de progresso e civilização e que, portanto, representaram a possibilidade de “civilizar” os povos indígenas, esses vistos como empecilhos ao desenvolvimento da região e associados a uma cultura pré-histórica e carente de racionalidade.

A ausência de conteúdos verídicos e legítimos sobre história indígena e sobre a cultura afro-brasileira e africana nos materiais didáticos, bem como nos currículos de ensino em todos os níveis, pode ser bastante sintomática desse fenômeno, já que os processos de dominação implicam na imposição de uma única concepção de mundo. Como é apenas por meio da educação que se pode contribuir para desnaturalizar essa visão hegemônica e subalternizante, e considerando ainda o contexto atual marcado pelas produções culturais dos meios de comunicação e da mídia digital, torna-se indispensável considerar a importância desses instrumentos para ampliação do conhecimento sociológico sobre a existência e o combate ao racismo.

Partindo do referencial teórico dos *estudos culturais e pós-coloniais*, portanto, procuramos observar os discursos produzidos sobre a diferença

étnico-racial nas telenovelas, nos programas humorísticos, nos desenhos animados e na mídia digital. Nos programas humorísticos, por exemplo, o objetivo foi identificar quais indivíduos e grupos são, preferencialmente, objeto de escárnio, pois a compreensão das imagens que produzem identificação e empatia, como também rejeição e escárnio, podem favorecer a desnaturalização dos discursos produzidos sobre a diferença, principalmente aquelas que tenham por base a raça, o gênero e a etnia.

Com efeito, o discurso colonial depende da construção de uma alteridade racial e étnica fixa e imutável, e por isso os estereótipos se apresentam enquanto uma estratégia discursiva, uma forma de conhecimento e identificação de algo dado, conhecido e que se repete ao longo da história. Portanto, somente a descolonização do “olhar” permitiria a consciência dos processos de produção dos discursos sobre a diferença, promovendo o deslocamento desse olhar e reinterpretando essas imagens a partir da perspectiva do oprimido, daqueles que estão fixados no estereótipo étnico-racial. A alteridade é, ao mesmo tempo, objeto de desejo e escárnio, e revelar essas fronteiras permite a transgressão dos limites do olhar colonial. (BHABHA, 1995, p. 106)

Contudo, Bhabha (1995, p. 116) também adverte que o estereótipo não é uma simplificação por ser uma falsa representação, mas sim por ser uma forma fixa de representação. Essa interpretação permite compreender, por exemplo, a crítica de ativistas negras ao seriado “Sexo e as Nega”,⁶ demonstrando a indignação contra a associação entre negritude e sexualidade. Ou seja, o estereótipo nesse caso fixa as mulheres negras ao nível do biológico, enquanto objeto de desejo sexual, exprimindo, assim, a ambivalência do estereótipo enquanto desejo e negação a alteridade.

⁶ O seriado, exibido em 2015 pela Rede Globo, é uma paródia do seriado norte-americano *Sex and City*, e foi criticado pelos Movimentos Negros Feministas por reproduzir estereótipos que associam as mulheres negras a uma sexualidade exacerbada. Antes mesmo do início do programa a Secretaria Especial da Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) solicitou esclarecimentos à Globo sobre o seriado.

Em síntese, diante da complexidade que envolve essa ambivalência acerca das questões étnico-raciais e de gênero, bem como da constatação do que sugere Fanon no sentido de que a maior dificuldade do colonizado talvez seja libertar-se de sua própria mente colonizada, os *estudos culturais e pós-coloniais* contribuem para a construção de uma prática educativa reflexiva e transformadora, permitindo criar situações pedagógicas favoráveis à desconstrução de um discurso da diferença que nega a alteridade. Foi esse o referencial que orientou grande parte das intervenções pedagógicas desenvolvidas no PIBID – Ciências Sociais da UFGD, as quais passaremos a descrever a seguir.

2. Mídia, estereótipos raciais e construção coletiva de uma nova prática pedagógica

O PIBID foi adotado pelo curso de graduação em Ciências Sociais da UFGD em 2009. A adesão ao programa produziu importantes transformações no curso que, na mesma ocasião, incorporou a modalidade de licenciatura, pois até então era apenas bacharelado. Com essa mudança a formação de professores passou a representar o principal horizonte profissional dos ingressantes no curso, e o PIBID contribuiu decisivamente para estimular os estudantes e futuros professores na medida em que passou a oferecer, ainda durante a graduação, a oportunidade de uma formação complementar e a presença semanal nas escolas por meio do trabalho de observação e registros das aulas de Sociologia, bem como de oficinas pedagógicas orientadas. Para esses bolsistas, portanto, a carreira de professor do ensino médio passou a ser vislumbrada não apenas como possibilidade real de atuação profissional, mas também como forma de atuação e transformação da educação pública. Assim, a participação no PIBID contribuiu para a construção da identidade profissional do professor entre os bolsistas.

Os estudos realizados na formação sobre o ensino de Sociologia e sobre os temas relacionados à educação em direitos humanos, assim como a vivência no cotidiano da escola pública, seus problemas, necessidades e desafios, possibilitaram aos bolsistas a percepção de que o ensino e a pesquisa

não estão dissociados. Ao contrário, constituem, juntos, atividades fundamentais para a qualidade do ensino e, através desse, de transformação social.

O PIBID - Ciências Sociais está subordinado ao projeto institucional do PIBID na UFGD, que reúne todos os cursos de licenciatura nessa universidade mas tem autonomia para planejar e executar as ações pedagógicas em conjunto com os bolsistas e supervisores das escolas parceiras. Daí optamos por estruturar as ações pedagógicas do PIBID - Ciências Sociais a partir de três pilares: formação, observação e intervenção.

Esses pilares foram orientados pelo eixo temático escolhido, qual seja, educação em direitos humanos e diversidade étnico-racial. Ainda que algumas ações tenham se desenvolvido a partir de outras temáticas, sobretudo quando as demandas eram apresentadas pelas escolas parceiras para atender algum tema específico, todo o esforço foi no sentido de articular a formação e as intervenções pedagógicas dentro dessa temática maior que envolve os desafios para a efetivação de uma educação que leve em conta a valorização dos direitos humanos e o combate a toda forma de opressão, em especial o racismo. Em síntese, essas temáticas se constituíram na base da formação complementar dos bolsistas do PIBID,⁷ temas que remetem à necessidade de uma Sociologia crítica que contribua para uma educação que valorize a diversidade e a diferença na escola.⁸

⁷ A formação dos bolsistas se deu a partir da leitura e discussão de textos relacionados aos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, bem como à Educação em Direitos Humanos. Alguns bolsistas, com base nessa formação e nas intervenções pedagógicas desenvolvidas nas Escolas, produziram textos e apresentaram comunicações em diversos congressos acadêmicos. Além disso, dois desses bolsistas ingressaram no mestrado acadêmico em Sociologia da UFGD, onde desenvolveram projetos cujas temáticas nasceram das atividades desenvolvidas no PIBID, quais sejam, “gênero nos livros didáticos de Sociologia” e “Inclusão Étnico-racial no Ensino Superior”.

⁸ Para Macedo (2010, p. 35), os termos diversidade e diferença se relacionam a duas concepções de cultura. A ideia da cultura como um repertório de sentido compartilhado por sujeitos, leva a perspectiva da diversidade. Nesta concepção os vários repertórios de sentido convivem construindo a ideia de uma pluralidade ou diversidade de culturas. A concepção da diferença concebe a cultura como processo de significação em que os sentidos são criados a partir da hibridação de fragmentos de outros sentidos que também são híbridos. A cultura neste caso não é concebida como fixa, mas em constante transformação, ou seja, ela sempre é ressignificada dependendo das relações sociais e dos contextos de interação. Conceber a diferença como algo não fixo e em constante transformação permite a compreensão das diferenças étnico-raciais de forma dinâmica e favorece a desnaturalização dos estereótipos

Ressalta-se que esse viés dos direitos humanos, da diversidade e da diferença tem contornos especiais na região de Dourados onde está localizada a UFGD, pois historicamente essa região tem sido palco de vários conflitos decorrentes da posse e uso da terra envolvendo produtores rurais, indígenas quilombolas e trabalhadores sem-terra. Essa oposição e conflito se traduzem no senso comum numa visão negativa de negros, indígenas e trabalhadores rurais, marcadas por estereótipos e preconceitos. Além disso, cabe registrar que a região da Grande Dourados também se caracteriza como uma região de fronteira, e sua proximidade com o Paraguai, além dos conhecidos problemas relativos aos chamados “ilegalismos” da fronteira, também traz à tona os problemas que envolvem preconceitos e estereótipos em relação aos paraguaios e/ou brasiguaios, que representam um grande número de moradores da região. Compreender a base de formação e reprodução desses preconceitos e estereótipos em relação a esses segmentos constituiu, desde o início, uma das tarefas do PIBID – Ciências Sociais.

Outro aspecto importante diz respeito à observação semanal das aulas de Sociologia nas escolas.⁹ Ressalta-se, contudo, que essa ação não se constitui numa simples observação das aulas, já que ela ocorreu a partir de um roteiro prévio com questões que deveriam ser observadas e registradas. Assim, após a observação de cada aula os bolsistas preenchem um formulário *online*, que estava dividido em duas partes: na primeira inseriam os dados relativos ao dia e horário da aula, quantidade de alunos, área de formação, sexo e condição dos professores (efetivo ou contratado). Na segunda parte do formulário registravam os dados sobre conteúdo das aulas e a metodologia adotada, o potencial crítico e envolvimento dos alunos com os temas trabalhados. Assim, através da observação das aulas era possível o levantamento e registro de dados para uma reflexão crítica sobre os desafios cotidianos da sala de aula e da formação docente.

associados aos povos negros e indígenas. Os estereótipos nada mais são do que formas fixas de se conceber a diferença.

⁹ O PIBID desenvolveu atividade em quatro escolas públicas do município de Dourados: Escola Estadual Antônia da Silveira Capilé, Escola Estadual Presidente Vargas, Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso e Escola Estadual Vilmar Vieira de Matos.

Sobre as oficinas pedagógicas, essas foram momentos disponibilizados pelos professores das Escolas em suas aulas, ocasião em que os bolsistas apresentavam uma prática pedagógica que levasse em conta tanto a formação teórica adquirida na universidade quanto a observação das aulas de Sociologia realizadas anteriormente. Nesse artigo apresentaremos parte dos resultados dessas oficinas, relativas ao projeto intitulado “Mídia e Estereótipos Raciais”, desenvolvido entre os anos de 2012 a 2015. No período de um mês os bolsistas pesquisaram, observaram e coletaram imagens de programas televisivos e nas redes sociais para ilustrar as situações que pudessem exemplificar os estereótipos e preconceitos raciais. Após o período de observação, o material produzido foi enviado aos orientadores para ajustes e, posteriormente, cada grupo fez uma apresentação numa plenária geral na qual todos os integrantes dos grupos, supervisores e coordenadores estiveram presentes. O objetivo dessa plenária era avaliar criticamente o material produzido e sua viabilidade pedagógica.

Ressalta-se que o método utilizado nessa ação foi fundamental para a construção de uma prática pedagógica que permitisse a percepção de que a atividade docente exige formação, pesquisa e trabalho em grupo. Destaca-se, também, que o material produzido foi disponibilizado no Blog do PIBID – Ciências Sociais para que pudessem ser utilizados pelos professores da rede pública de ensino de Dourados, bem como de outros interessados.¹⁰

3. Breve descrição de algumas oficinas pedagógicas sobre mídia e estereótipos raciais

No que se refere ao roteiro de realização das oficinas pedagógicas, inicialmente era apresentado pelos bolsistas o objetivo da atividade e a metodologia adotada, destacando a necessidade de refletir sobre como o racismo se manifesta de forma sutil e sem ser percebido pela maioria das

¹⁰ Foram realizadas oficinas sobre telenovelas, programas humorísticos, esporte e desenhos infantis. Os resultados foram disponíveis no blog: <<http://cspibidufgd.blogspot.com.br/p/intervencoes-pedagogicas-2012-2013-e.html>>

peessoas. Destacavam que o levantamento e a análise das imagens associadas aos negros em diversos programas de TV permitiam observar se tais imagens reforçavam ou não estereótipos raciais e se havia ou não um padrão estético dominante nesses programas.

Antes da exibição das imagens e dos diálogos, contudo, foram apresentados alguns conceitos-chave para uma melhor compreensão dos estereótipos raciais difundidos pela mídia. Nesse sentido, o conceito de “racismo” foi definido como uma ideologia que apregoa a existência de hierarquia entre os grupos humanos a partir de suas diferenças físicas. O “preconceito racial” foi definido como uma predisposição “negativa” em relação a outros indivíduos, grupos ou instituições. E “discriminação” foi apresentado como toda e qualquer distinção, preferência, exclusão que tenha por efeito anular a igualdade (JACCOUD; BENGHIN, 2002, p. 39-40). Finalmente, “estereótipo” foi apresentado como “uma generalização excessiva a respeito do comportamento ou de outras características de membros de determinados grupos” (CASHMORE, 2000, p. 194). Ainda sobre os estereótipos, foi destacado que, de acordo com o contexto, os mesmos podem ser positivos ou negativos, sendo que na mídia a ênfase se dá, geralmente, nos estereótipos negativos que tendem a reforçar uma visão distorcida de negros, mulheres e indígenas, por exemplo.

A seguir, apresentaremos uma síntese das análises desenvolvidas a partir de três telenovelas (“Da cor do Pecado”, “Lado a Lado” e “Gabriela”) e de um programa humorístico (“Zorra Total”). No caso das telenovelas, duas constatações iniciais foram destacadas: as mulheres negras ou mulatas quase sempre estão associadas a trabalhos domésticos e a objeto de desejo sexual. Quanto aos homens negros, em geral são representados como ignorantes e irracionais, quase sempre exercendo atividades de pouco prestígio social.

3.1 *Os estereótipos raciais na telenovela “Da Cor do Pecado” (2004 e 2012)*

Considerando que a protagonista dessa telenovela era negra, de imediato se colocou para reflexão as razões de uma associação entre cor e pecado. Também foi destacado que essa protagonista, que se chamava “Preta”

e era interpretada por Thaís Araújo, pertencia às classes populares, sendo forte, portanto, a associação também entre cor e pobreza. Ao contrário, a personagem Barbara, também central na trama e interpretada por Giovanna Antonelli, era branca e de classe socioeconômica mais favorecida. Antagonista da personagem Preta, em diversas cenas a personagem Bárbara a ofende, reforçando a depreciação de pobres e negros. Destacou-se também cenas com os filhos das duas personagens rivais, nas quais o filho de “Preta (Raí) é agredido e ofendido pelo filho de Bárbara (Otávio) sem reagir, reproduzindo, com isso, o estereótipo do negro passivo que aceita ser subjogado.

3.2 Os estereótipos raciais na telenovela “Lado a Lado” (2012/2013)

Quanto à telenovela “Lado a Lado”, apesar da importância em ter abordado a história de vida dos negros pós-abolição, bem como por destacar o papel de atores e atrizes negras, também não conseguiu romper com os estereótipos raciais. Em várias cenas da novela, na relação entre os personagens Zé Maria (Lázaro Ramos) e Edgar Vieira (Thiago Fragoso), os estereótipos raciais são reforçados. Numa das cenas, que retrata a Revolta da Vacina, vários personagens brancos tentam convencer o personagem Zé Maria sobre a importância das medidas adotadas para eliminação da varíola. Embora o personagem Edgar reconheça o teor autoritário das medidas, em vários momentos tenta “acalmar” Zé Maria. Na narrativa, portanto, transmite-se a ideia de que é preciso a “racionalidade” de Edgar (homem branco, advogado e membro da elite carioca) para convencer Zé Maria a ter bom senso em suas decisões. Ou seja, há a necessidade de homens negros serem orientados por pessoas mais capacitadas e melhor informadas que, não por coincidência, quase sempre são brancas.

3.3 Os estereótipos raciais na telenovela “Gabriela” (2012)

Na análise da telenovela “Gabriela”, interpretada por Juliana Paz, a intervenção destacou, sobretudo, o estereótipo da mulata associada à sexualidade exagerada. Foi apontado também, assim como nas demais telenovelas analisadas, que os poucos papéis em que homens negros

aparecem, estes estão quase sempre associados a comportamentos depreciativos. Para tanto, foi citado o caso do personagem “Negro Fagundes”, interpretado por Jhe Oliveira como um matador de aluguel que servia a um dos coronéis da trama. Ou seja, os estereótipos associados aos homens e às mulheres negras fixam, quase sempre, diferenças associadas ao biológico, ao irracional, à inferioridade e ao que é considerado “mal”.

3.4 Os estereótipos raciais no Programa “Zorra Total” (1999 – 2014)

Sobre programas humorísticos foi destacado o estereótipo racial a partir da personagem “Adelaide”,¹¹ interpretada por Rodrigo Sant’anna. Na oficina pedagógica, os bolsistas procuraram demonstrar como o humor pode ser uma fonte de depreciação dos negros. Apresentando imagens de Adelaide, destacaram como essa personagem reproduz estereótipos associadas às mulheres negras, onde se exagera nos erros de linguagem que denotam ignorância e falta de instrução. Em várias cenas os cabelos da personagem são depreciados e classificados como “cabelo ruim”, uma das formas mais sutis de racismo existente no Brasil. Para exemplificar como a personagem reproduzia uma visão estereotipada e depreciativa dos negros, foi destacada para reflexão uma de suas falas que diz o seguinte: “[...] *durante a enchente não pude ficar sem minha palha de aço, daí corri atrás para pegá-la e quando vieram os cabelos da minha filha*”. Daí os bolsistas procuraram demonstrar como a depreciação do cabelo que foge ao padrão estético branco é depreciado, e ressaltaram que um dos xingamentos mais comuns entre crianças é justamente a expressão “cabelo de Bombril”.

Importa destacar que em todas as telenovelas e programas analisados pode se constatar a importância dos *estudos culturais e pós-coloniais* para compreender como os estereótipos raciais reproduzidos podem contribuir para a permanência do racismo, especialmente a partir da obra de Fanon no que

¹¹ Essa personagem gerou diversas polêmicas. Ver, por exemplo: “Adelaide, personagem do Zorra Total, é denunciada por racismo”. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/09/04/adelaide-personagem-do-zorra-total-e-denunciada-por-racismo.htm>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

diz respeito à fixação do negro ao nível do biológico. Assim, a avaliação final do projeto “Mídia e Estereótipos Raciais” permitiu duas constatações: a análise da mídia é extremamente importante para compreender valores sociais e desvendar estereótipos raciais; e a Sociologia é uma disciplina fundamental nessa tarefa, na medida que desenvolve o senso crítico, o estranhamento e, assim, permite desnaturalizar tais estereótipos.

Além disso, ao utilizar-se de imagens midiáticas para atingir o interesse dos estudantes as oficinas pedagógicas cumpriram dois objetivos: com temas e situações que estão mais próximos da realidade cotidiana desses jovens abriu-se a possibilidade de explorar a imaginação sociológica e, com isso, demonstrar a importância da Sociologia no ensino médio. E ao compreender como esses estereótipos são construídos, permitiu avançar na construção de práticas pedagógicas de combate ao racismo e de valorização da diferença étnico-racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como principal objetivo apresentar a importância dos *Estudos Culturais e Pós-Coloniais* no desenvolvimento de novas práticas pedagógicas, tendo como referência a experiência do PIBID - Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados. Concluímos, assim, que esse referencial teórico constitui um instrumento importante na construção de práticas pedagógicas que levem ao reconhecimento da diferença étnico-racial. As atividades pedagógicas desenvolvidas permitiram constatar a viabilidade de uma prática docente como fruto de uma sólida formação teórica associada à observação e à vivência na escola pública. Assim, o trabalho de pesquisa e a execução das oficinas pedagógicas permitiram constatar que a prática docente exige a execução de atividades que envolvam o cotidiano dos alunos. Ao mesmo tempo, o material produzido permitiu aos alunos do ensino médio a possibilidade de vislumbrar como o olhar sociológico pode permitir a desconstrução do racismo presente na sociedade brasileira.

No caso dos bolsistas do PIBID – Ciências Sociais, a experiência demonstrou ainda que a prática docente pode ser construída coletivamente,

sendo todo material produzido a partir de pesquisa e do debate coletivo a respeito da metodologia e dos recortes temáticos que deveriam ser analisados nas oficinas pedagógicas. É dessa forma que o PIBID permitiu uma aproximação entre universidade e ensino básico, e é dessa forma que os supervisores e professores da rede pública ligados ao PIBID tiveram a oportunidade de participar ativamente dos processos de formação, observação e construção de novas práticas pedagógicas.

Destaca-se, finalmente, que nas regiões de fronteira os conflitos traduzem de forma mais intensa uma concepção da alteridade marcada pelo viés eurocêntrico e colonial. A percepção crítica deste viés é primordial para construção de uma educação que promova o reconhecimento à diferença e uma sintonia entre a disciplina de Sociologia e as diretrizes de implementação das leis que dispõem sobre a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. Em síntese, o respeito à diferença étnico-racial não deve estar circunscrito apenas às disciplinas de história, línguas ou educação artística. A Sociologia é fundamental na construção de um novo olhar, crítico e “descolonizado” sobre os discursos da diferença produzidos pelos meios de comunicação de massas e pelas mídias digitais que perpassam o imaginário coletivo e o espaço escolar.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- BALIEIRO, F.F. Diferenças, sociedade e a escola. In: SILVÉRIO, V.R. et al (org.). *Relações étnico-raciais: um percurso para educadores*. São Carlos: EDUFSCar, 2012.
- CASHMORE, E. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Summus, 2000.
- COSTA, S. Desprovincializando a Sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 21 n°. 60, 2006.
- _____. *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: Editora UFBA, 2008.
- _____. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GATTI, B.A. et al. *Um estudo avaliativo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)*. São Paulo: FCC/SEP, 2014.
- GILROY, P. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Editora 34, 2001.

- HALL, S. A questão da Identidade Cultural. In. *Textos Didáticos*. IFCH/UNICAMP. n° 18. Campinas, 1995.
- _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011
- HONNETH, A. *A luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- JACCOUD, L.; BENGHIN, N. *Desigualdades Raciais no Brasil: um balanço da intervenção governamental*. Brasília: IPEA, 2002.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECAD. *Orientações e ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: SECAD, 2006.
- MACEDO, E. A Cultura e a Escola. In: MISKOLCI, R. (Org.). *Marcas da Diferença no Ensino Escolar*. São Paulo: EDUFSCar, 2010.
- MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RAMOS, A.G. *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editorial Andes Limitada, 1957.
- SAID, E.W. *Orientalismo: oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SPIVAK, G.C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFM, 2010.
- TAYLOR, C. *et al. Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.